



A ascensão do neopopulismo e as suas causas

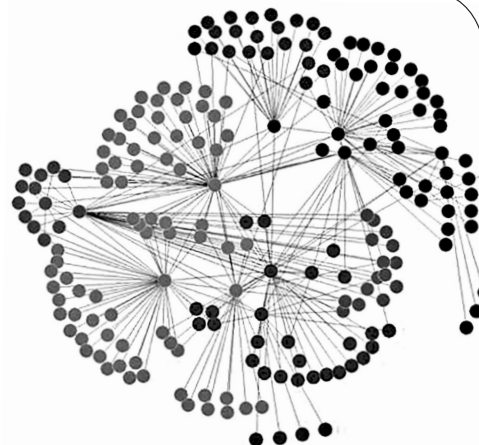
O neopopulismo é um estilo de fazer antipolítica nostálgica. Dado o seu estilo oposicionista, o neopopulismo é mais explícito a respeito do facto de que é contra o status quo, a heterogeneidade e o “sistema” do que a respeito do que defende.

TRADUÇÃO **Leonor Barroso**

Esta tarde vamos examinar, em conjunto, aquilo que podemos denominar “neopopulismo” e as suas causas. Para poupar tempo, estabeleçamos desde já que neopopulismo é apenas o mais recente exemplo do populismo clássico. É, em poucas palavras, o populismo da era da informação. Quero com isto dizer que é semelhante ao populismo clássico, mas tal como este se manifesta nas plataformas sociais atuais (pensem no Facebook, Twitter, Tumblr, YouTube, Digg, Hulu, entre outros). Assim, entendo que as principais diferenças entre o populismo clássico e o neopopulismo são sobretudo de estilo, especialmente a respeito do que hoje chamamos enviar mensagens, embora haja algumas ligeiras diferenças de substância devido ao facto de que enfrentam diferentes “superestruturas” do status quo. Por exemplo, os neopopulistas enfatizam mais o que consideram ser os males do actual status quo: desigualdade económica, globalização (sobretudo globalização cultural) e imigração. De resto, considero-os essencialmente idênticos (e, adiante, tratarei o neopopulismo apenas como a variante atual do populismo).

O nosso objectivo esta tarde é identificar as três principais causas do neopopulismo, as quais creio que, em conjunto, explicam em

grande medida a sua ascensão nos últimos tempos. Todavia, antes de chegarmos aí, precisamos de “arrumar a casa”, esclarecendo alguns aspetos semânticos prévios – precisamos, nomeadamente, de deixar claro o que é, exatamente, o populismo. Poderão pensar que é um passo desnecessário. Afinal, o populismo não é um termo complexo e esotérico. Todavia, só porque ouvimos ou lemos sobre isso com frequência, não decorre daí que o seu significado seja claro, que todos tenhamos os mesmos referentes em mente quando o utilizamos. Isso é particularmente verdade a respeito de termos como populismo, com significados que constituem aquilo a que cientistas políticos como Cas Mudde e Cristobal Kaltwasser denominam “pouco consistente” (“thin”). Para Mudde e Kaltwasser, o significado de um termo é “pouco consistente” quando alude a algo tão geral que o seu conteúdo é “ligeiro” ou, pior, “maleável”. Por conseguinte, esses termos “pouco consistentes”, entre eles o populismo, são facilmente utilizados de forma indevida ou mal empregues, o que pode dar origem a um pensamento “desleixado”. Todavia, há outro problema com o populismo, nomeadamente o facto de se ter tornado, nos últimos tempos, uma espécie de arma de arremesso, aquilo que os alemães chamam um *Kampfbegriff*. Tal acontece porque,



POR
William Hasselberger

Presidente, *Global Washington Energy Investors*, Washington DC

quando a palavra “populismo” é usada em discussões, raramente o é para promover o esclarecimento intelectual mas com intuítos políticos partidaristas. Serve frequentemente de epíteto e é raro ser definida com rigor. Resultado: o termo populismo não aumenta, mas distorce o nosso entendimento. Assim, é prudente questionar aqui, ao iniciar a nossa tarefa: o que é que queremos exatamente dizer quando chamamos alguém populista?

Todavia, dada a “pouca consistência” (“thinness”) do populismo, pode ser útil dar um passo prévio ligeiramente distinto, nomeadamente o de estabelecer o que o populismo não é. Para tal, consideremos cinco conceitos políticos aparentemente semelhantes, conceitos que partilham com o populismo aquilo que o filósofo Ludwig Wittgenstein denomina “uma aparência de família”, mas quatro dos quais pouco têm a ver com ele. Uma vez que estes conceitos podem causar uma certa confusão desnecessária, podemos rapidamente desfazer-nos deles. Pensem nos cinco termos seguintes: oligarca, plutocrata, demagogo, autocrata e nacionalista. Um oligarca é um indivíduo que goza de uma quantidade desproporcionada de poder político. Um plutocrata é um oligarca cujo poder político desproporcionado resulta da riqueza. Um demagogo é um político que se serve de crenças populares irracionais em

lugar de factos e razão. Um autocrata é um governante com poder absoluto que exige obediência total. Por fim, para um nacionalista, a política atua melhor ao nível dos Estados-nações e é um meio para promover interesses de jogos de soma zero de um Estado-nação à custa de outros Estados-nações. De todos estes cinco conceitos, o nacionalismo parece estar mais próximo do populismo, embora a sua atenção esteja dirigida para Estados-nações e não povos (ainda que por vezes possam coincidir). Como veremos adiante, apesar de serem diferentes de todos estes, os populistas podem também ser qualquer um destes, permanecendo embora fiéis ao seu populismo.

Examinemos agora outros dois conceitos. Uma forma de pensar os conteúdos dos conceitos é imaginar que ocupam um “espaço” metafórico. Assim, alguns conceitos têm significados que são “próximos”, outros que são “distantes” ou “longe”. Considerem os dois conceitos seguintes, “contíguos” mas homólogos do populismo, com significados inversos deste, mas que ocupam dois tipos de “espaço” conceptual limítrofes do populismo: elitismo e pluralismo. Uma vez que queremos ver como se relacionam com o populismo, focar-nos-emos no modo como estes dois conceitos “distribuem” ou atribuem a soberania. Assim, há duas questões importantes. A soberania é concentrada ou é esparsamente distribuída? Em quem reside sobretudo, ou em última análise, a soberania? Começemos pelo elitismo. Os elitistas têm uma visão do mundo claramente maniqueísta, sobretudo a respeito da apreciação económica e cultural. Como tal, o elitismo assume que existem duas categorias ou classes de pessoas opostas, uma boa, outra má: as elites (a boa) e, em suma, todos os outros (a má). Tipicamente, os elitistas defendem que as virtudes económicas e culturais residem maioritariamente, se não exclusivamente, nas classes da elite. Consequentemente, os elitistas consideram que também a soberania e, com ela, a legitimidade política residem nas elites. Por esse motivo, os elitistas defendem que o poder político devia ser exercido maioritariamente, se não exclusivamente, por elites e para elites. Os pluralistas, por sua vez, têm uma visão monista do mundo, pelo menos a respeito do valor. Como tal, o pluralismo assume que as pessoas são essencialmente iguais, pelo menos no sentido em que todas as pessoas têm o mesmo valor moral, meramente em virtude de serem pessoas. Assim sendo, os pluralistas defendem que também a soberania e a legitimidade política residem na totali-

dade do povo. Por esse motivo, os pluralistas afirmam que o poder político não devia estar concentrado, nem favorecer um qualquer tipo específico ou classe de pessoas à custa de outras. Pelo contrário, o poder político devia estar disperso de forma pouco densa e, muito importante, de forma extensa. Como o elitismo, opõe-se ao populismo, embora essa oposição dependa do seu carácter inclusivo e não, como no caso do elitismo, do seu carácter exclusivo.

Com essas duas distinções em mente, podemos agora dar início à nossa principal tarefa de hoje. Acabámos de ver o que o populismo não é; vejamos agora o que o populismo é. Começemos por indagar qual a sede da soberania para os populistas. Como as elites, os populistas também têm uma visão maniqueísta do mundo. Para eles, há essencialmente duas forças no mundo: uma boa e outra má. Todavia, ao contrário do elitismo, o populismo defende que as elites são más e aquilo a que chama “o povo” é bom. Por conseguinte, os populistas sedeiam a soberania e, como tal, a legitimidade política totalmente “no povo”. Quanto às elites, os populistas tendem a vê-las como “o outro”. Há certamente um leque de possibilidades a respeito de quão problemático “o outro” da elite é considerado pelos neopopulistas, desde infortúnio ineficaz a parasitismo catastrófico, e há ainda graus de alteridade. De maneira geral, a “alteridade” das elites decorre das diferenças, reais ou sentidas, entre eles e “o povo”. Por vezes essas diferenças são grandes, outras vezes não. Além disso, quando os recursos são escassos e os tempos difíceis, até as pequenas diferenças entre as elites e “o povo” são ampliadas. Um resultado provável: o discurso público polariza-se, caindo numa “política identitária” de oposição, e segue-se uma lógica de jogo de soma zero. Tal lógica conduz frequentemente a uma mentalidade binária de “nós contra eles” ou “vencedores contra derrotados”. Em casos extremos, os populistas não apenas retiram a legitimidade das elites, mas demonizam-nas. Assim, as elites não se tornam apenas o “outro” radical – tornam-se a classe inimiga. Quanto ao “povo”, em casos extremos, os populistas não o tornam apenas um mito – praticamente o divinizam. Outra forma de o exprimir é recorrendo à linguagem do filósofo pragmatista americano Richard Rorty e afirmar que os populistas sentem “solidariedade” política apenas para com “o povo”. Como tal, a perceção populista de comunidade política é essencialmente restrita. Todas as outras classes políticas são irrefletidamente

excluídas. Dado que os populistas também têm uma visão da política como um jogo de soma zero, esse sentido restrito de solidariedade faz que os populistas tenham uma tal ausência de interesse no bem-estar de outras classes ou subgrupos. Do ponto de vista político, só conta “o povo”.

Tendo em conta o que anteriormente se disse, encontramos-nos agora em condições de definir “populismo”, embora, tendo em conta a “pouca consistência” do conceito, talvez devêssemos dizer “caracterizar o populismo”. Em primeiro lugar, esclareçamos qual a natureza do que procuramos caracterizar. O populismo é simplesmente demasiado “pouco consistente” para ser uma filosofia ou mesmo uma ideologia. Pelo contrário, falta-lhe a necessária densidade conceptual. Assim, na sua breve obra intitulada *Populismo*, o Professor Paul Taggart defende que o neopopulismo se assemelha mais a uma “mentalidade recorrente, uma psicologia política, um fenómeno de oposição”, aquilo a que os alemães chamam um *Weltblick*² assistemático mas ordenado, do que uma teoria política ou mesmo uma ideologia (uma *Weltanschauung*). Assim, o neopopulismo assemelha-se particularmente a um ethos parcialmente desenvolvido, ainda que incoerente. Embora lhe falte completude conceptual ou mesmo coesão interna, pode influenciar-nos a ver a política como uma disputa maniqueísta pelo domínio entre as forças do bem (“o povo”) e do mal (as elites). Além dessa caracterização, podemos recorrer a Isaias Berlin, que identificou quatro características adicionais do neopopulismo: que “o povo” forma uma comunidade como que mística ou uma *Gemeinschaft*; que a sociedade (ou a cultura) é mais fundamental do que o Estado; que o passado era menos corrompido do que o presente; e que “o povo”, enquanto vítima inocente, tem um legítimo sentimento de injustiça. Resumidamente, de acordo com Berlin, os populistas privilegiam um grupo de afinidades exclusivo a que chamam “o povo” (pensem: das *Völk*), no qual creem residir toda a virtude quase exclusivamente pelo facto de o povo estar enraizado num passado mais virtuoso. Dada essa virtuosidade, é o povo que deve ser o principal ator da política e da governação, mas este é demasiadas vezes injustamente desrespeitado e mesmo ativamente oprimido por elites traiçoeiras, egoístas e corruptas. O neopopulismo é, pois, uma antipolítica nostálgica, ou talvez antes um estilo de fazer antipolítica nostálgica, de forma a contrariar esse desrespeito e essa opressão. Dado o

seu estilo oposicionista, o neopopulismo é mais explícito a respeito do facto de que é contra o status quo, a heterogeneidade e o “sistema” do que a respeito do que defende. Por fim, é elucidativa uma comparação com o marxismo. Como o marxismo, a análise do neopopulismo baseia-se nas classes e também identifica as elites como a classe inimiga, mas, ao contrário do marxismo, o seu conteúdo não é suficientemente “denso” para produzir uma prescrição detalhada para o futuro. Tal deve-se ao facto de que não é orientado para o futuro, de carácter científico ou determinista – nem é, em princípio, contra o capitalismo, embora seja contra o capitalismo “de compadrio”. Pelo contrário, o populismo é profundamente nostálgico de uma maneira algo mítica. Assim, o neopopulismo não prescreve uma ditadura do proletariado ou do partido da vanguarda. Em vez disso, o populismo vê a salvação num regresso a tempos melhores de um passado idealizado.

Estamos agora em condições de nos ocuparmos das três grandes causas do neopopulismo de hoje: desigualdade, globalização e o famoso fim da especialização. Os três agiram ou são vistos como tendo agido no sentido de penalizar “o povo” beneficiando simultaneamente as elites. Nessa medida, os três são poderosos catalisadores da actual ascensão do populismo. Começemos pela desigualdade. Como esclarece o Professor James Galbraith na sua obra *Inequality (Desigualdade)*, neste tema, os dados a respeito da riqueza contam parte da história (James Galbraith. *Inequality* (London: Oxford University Press, 2016)). Em

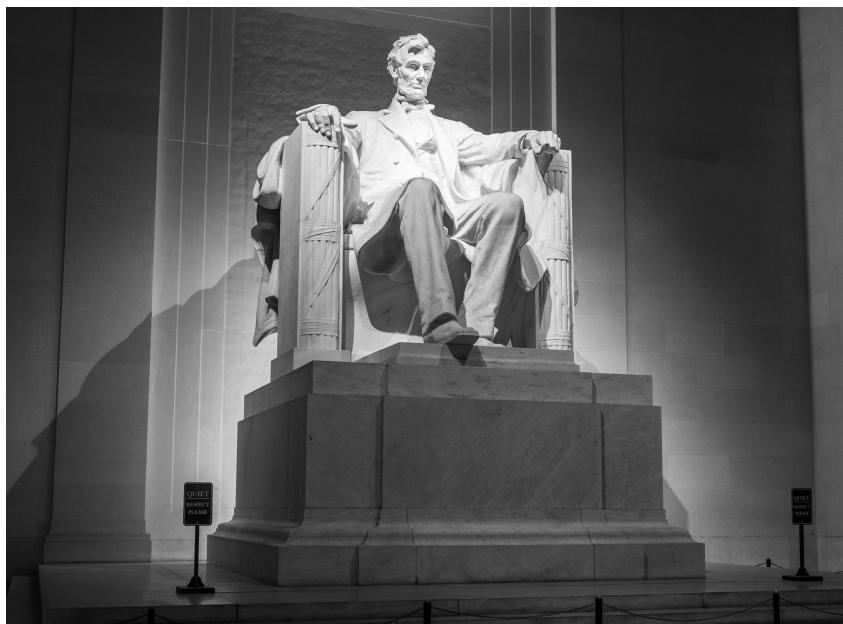
2016, os 1% mais ricos de entre os americanos detêm quase 40% da riqueza total da nação, e a sua riqueza está a aumentar mais rapidamente do que a de todos os outros, pelo que a tendência é clara. Além disso, os 10% mais ricos de entre os americanos são mais ricos do que os outros 90% dos americanos, dos quais os 12% mais pobres não têm qualquer riqueza. Mais surpreendente é o facto de os três americanos mais ricos viverem com mais riqueza do que os 160 milhões mais pobres.



Tal lógica conduz frequentemente a uma mentalidade binária de “nós contra eles” ou “vencedores contra derrotados”. Em casos extremos, os populistas não apenas retiram a legitimidade das elites, mas demonizam-nas

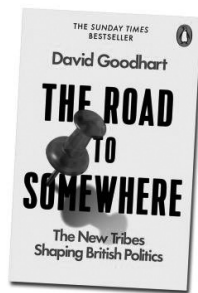
Todavia, nas décadas de 20 e 30, os 1% mais ricos dos americanos detinham ainda mais riqueza, cerca de 25% mais do que hoje. Além disso, a percentagem de americanos a viver na pobreza tem estado a diminuir: de 20% em 1960 para 15% em 2015. Assim, como o Professor Galbraith conclui, os dados são um tanto ambíguos. Dito isto, é provável que as percepções e as crenças sejam ainda mais importantes do que a realidade aqui. Além disso, como a riqueza é um conceito relativo, há uma componente subjetiva muito importante que influencia quão ricos nos sentimos. De facto, a questão central pode ser: comparativamente a quem? Isso significa que é provável que “o povo” tenha maior abertura à “atração” do neopopulismo se acreditar que está a ficar mais pobre do que todos os outros, sobretudo do que as elites, e especialmente se temer estar prestes a ser permanentemente esquecido. Tal é particularmente verdade se acreditar que as elites têm beneficiado injustamente das instituições ou “do sistema” criado e governado por elites. Adicionalmente, como o Professor Galbraith constatou noutra obra, os pobres têm maior probabilidade do que as outras classes de sentir a desigualdade como um problema sério e crescente, um problema que – e isto é importante – não é causado pelo mérito. Por outras palavras, as percepções de desigualdade “do povo” preparam-no, em grande medida, quer para ser “céptico” em relação “ao sistema”, quer, por conseguinte, para sentir afinidade com as críticas populistas do *status quo*.

Consideremos agora o papel da globalização na ascensão do neopopulismo. Para os presentes efeitos, examinemos, não os famosos efeitos económicos da globalização, mas o seu impacto cultural. Como o demógrafo inglês David Goodhart escreveu na sua última obra *The Road to Somewhere* (O Caminho para a Pertença), a globalização actual produziu uma nova “cultura sem morada” (“*nowhere culture*”) (David Goodhart. *The Road to Somewhere* (London: Hurst Publishers, 2017)). O que Goodhart quer dizer com isso é que a globalização não criou apenas uma economia global repleta de mercados globais e cadeias de abastecimento globais mas também uma cultura global, uma cultura cujas práticas e valores homogeneizados não estão ancorados numa única localidade circunscrita. Pelo contrário, hoje há práticas globais, valores globais, há mesmo um *Weltblick* homogeneizado e global. As pessoas que adotam tal *Weltblick* global são denominadas por Goodhart “pessoas que não pertencem a nenhum lugar” (“*people from nowhere*”) ou, numa versão mais curta,



“os sem morada”, (“*nowheres*”) referindo-se às pessoas que são de tal forma desenraizadas que podiam ser de qualquer sítio (pensemos no “homem de Davos”). Claro que nem toda a gente adoptou um pensamento tão global. Uma classe inteira de pessoas permanece ancorada em culturas locais. Essas pessoas – por exemplo, os que votaram no *Brexit* e em Trump –, a que Goodhart chama “pessoas que pertencem a algum lugar” ou, de maneira resumida, “os pertencentes a um lugar”, sentem-se alienadas da nova cultura global, que rejeitam por ser artificial e estranha e, por isso, uma ameaça às suas próprias formas de pensar e viver circunscritas. Goodhart defende que tal se deve ao facto de “os pertencentes a um lugar” não terem tido uma palavra a dizer na globalização cultural, não terem votado nela, não a perceberem, e definitivamente não estarem a beneficiar dela. Claro que a análise de Goodhart suscita a questão: quem é quem? Felizmente para nós, a resposta é bastante óbvia, pois implica saber quem são os vencedores da globalização, que no processo de vitória se globalizaram a si próprios, e quem são os derrotados da globalização, que no processo de derrota permanecem localmente enraizados. Resumidamente, os vencedores são a classe urbana com bastante instrução e os que já são ricos, o protótipo dos “sem morada”, ao passo que os derrotados, “os pertencentes a um lugar”, são todos os outros, sobretudo os mais velhos, de uma classe rural e com pouca instrução. Os vencedores, enquanto tal, vêem a globalização como algo positivo e são, por isso, maioritariamente imunes à atração do populismo, ao passo que os derrotados, enquanto tal, consideram que a globalização é algo mau e, por isso, têm muito maior abertura ao *Weltblick* de oposição do populismo.

Passemos agora para a nossa terceira e última grande causa da atual ascensão do neopopulismo: o que o Professor Tom Nichols chama no seu novo livro com o mesmo título “o fim da especialização” (Nichols, Tom. *The Death of Expertise* (Oxford: Oxford University Press, 2017)). Há quatro pontos a este respeito que são importantes para nós hoje. Primeiro, o nosso mundo tornou-se complexo e consequentemente muito mais difícil de perceber. Todas as espécies de coisas díspares mas semelhantes, desconexas mas parecidas revelam ter um nexo ou rede de causalidade em circuitos de alimentação ocultos e contraintuitivos. Além disso, em muitas áreas da vida, a mudança está a acelerar a ritmos crescentemente superiores. O resultado: mesmo os supostos especialistas podem não perceber verdadeiramente o que se está a



The Road to Somewhere, David Goodhart



O populismo vê a salvação num regresso a tempos melhores de um passado idealizado

passar, sobretudo se a sua especialização foi adquirida num mundo menos interligado e que evolui mais lentamente (e adequa-se, por isso, melhor a esse mundo). Em poucas palavras, atualmente tudo é simplesmente mais difícil compreender, pelo que mesmo os especialistas se vêem muitas vezes atrapalhados para apresentar explicações. Em segundo lugar, a internet democratizou radicalmente a informação, de tal forma que cada um de nós com um computador ou *smartphone* pode facilmente aceder a mais informação do que a que existe na Biblioteca Real de Alexandria, mas normalmente há pouca ou mesmo nenhuma garantia de fiabilidade de dados da internet (*data curation*). Podemos, assim, dizê-lo de forma diferente: cada um de nós tem acesso fácil a mais informação do que alguma vez se teve. Isso pode fazer cada um de nós “especialista” em informação falsa. Tal seria menos problemático se fosse atualmente mais fácil confirmar ou desmentir declarações, mas tendo em conta a complexidade dos dias de hoje, é normalmente difícil ter a certeza de quem está certo e quem está errado. Em terceiro lugar, a classe dos especialistas faz agora parte das elites. Ter uma boa instrução é, por definição, ser de elite, o que significa que o povo pode já não ver os especialistas como observadores neutros e objetivos, mas antes como alguém em quem já não se pode

confiar. Em quarto e último lugar, quando corre mal, quando os especialistas ou as elites cometem um erro, parecem não pagar por isso. Pelo contrário, escapam impunes. Vejam a crise financeira de 2008. Mesmo os economistas tidos em maior conta não a previram. Poucos especialistas alertaram (pensem na célebre crítica da Rainha Isabel à Ciência Económica). Todavia, apesar disso, quantos especialistas ou quantos membros das elites pagaram por um erro que saiu tão caro? Quantos economistas se envergonharam ou quantos banqueiros foram presos?

Vamos agora, para concluir, determinar por que razão é tão importante pensar o neopopulismo de acordo com as três causas anteriormente expostas. Não é apenas para revelar a genealogia causal do neopopulismo, por mais interessante que isso possa ser, mas antes pelo facto de que o conhecimento dessas três principais causas pode ajudar-nos a perceber e até prever a sua ascensão ou queda. Tal sucede porque essas causas estão relacionadas com o neopopulismo de uma maneira evidente e directamente proporcional. Por outras palavras, devemos esperar um aumento do neopopulismo se “o povo” sentir que a desigualdade económica é grande e está em crescimento e que no futuro é provável que ele próprio esteja relativamente mais pobre à medida que as elites se tornam cada vez mais ricas; se sentir que a sua cultura “pertencente a um lugar” é desrespeitada e que a cultura alternativa “sem morada” globalizada se torna cada vez mais dominante (e estranha); e se o povo pensa que “o sistema” está sob o controlo fraudulento das elites e legitimado pelos famosos especialistas que ou não sabem de facto nada ou venderam a sua competência em benefício das elites. Podemos concluir a nossa tarefa de hoje com o seguinte correlativo comparativo simples: quanto mais “o povo” começa a sentir que o seu bem-estar económico, as suas tradições “pertencentes a um lugar”, até mesmo o seu estilo de vida “pertencente a um lugar” estão, todos eles, sob ataque das elites e os seus especialistas comprados num sistema irremediavelmente capturado, mais a antipolítica de oposição de neopopulistas como Donald Trump, Nigel Farage e Marine Le Pen vai ter influência junto “do povo”. ■

NOTAS

1 N. T. Conceito polémico manipulado para fins políticos.

2 Perspectiva do mundo. Contrasta com *Weltanschauung* que é, mais do que mero olhar do mundo, uma ideologia ou filosofia do mundo.